

APresentação: *NOVAS* *CARTAS PORTUGUESAS* e OS FEMINISMOS

Ana Luísa Amaral
Ana Gabriela Macedo
Marinela Freitas

*Em boa verdade vos digo: que continuamos
sós mas menos desamparadas.*

Maria Isabel Barreno
Maria Teresa Horta
Maria Velho da Costa

Este volume dos *Cadernos de Literatura Comparada*, organizado pela equipa do Projecto de Investigação “*Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois*” (PTDC/CLE-LLI/110473/2009), reúne um conjunto de ensaios escritos por investigadoras e investigadores que integram (ou colaboram assiduamente com) a rede internacional de pesquisa criada em torno de um dos livros mais marcantes, e também fracturantes, da literatura portuguesa contemporânea – *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

Publicado em Portugal, em 1972, esta obra marcaria um ponto de viragem quer no panorama literário português da década de setenta, quer no contexto político e social do Estado Novo. Depois da sua apreensão e do processo judicial instaurado às três autoras – “as Três Marias”, como ficariam conhecidas na altura –, as *Novas Cartas* foram imediatamente objecto de tradução na Europa e nos Estados Unidos da América, por entre uma onda de apoio internacional que haveria de tomar proporções inimagináveis e de criar redes de solidariedade verdadeiramente transnacionais. Hoje disponível em mais de dez línguas, o livro é ensinado em várias universidades na Europa e no continente americano e tem sido objecto de várias dissertações académicas, estudos e tributos artísticos.

Cruzar, como aqui se faz, *Novas Cartas Portuguesas* com os Feminismos permite resgatar o espantoso contributo desta obra, sublinhando o seu carácter inovador. De facto, nela se

>>

antecipam muitos dos posicionamentos literários, sociológicos e políticos que, nas décadas seguintes à sua publicação, seriam desenvolvidos em áreas de estudos como os Estudos Feministas, os Estudos de Género, os Estudos Pós-Coloniais, ou a teoria *queer*. Os movimentos transnacionais de contestação que emergem nos finais dos anos sessenta do século XX seriam marcados pelas lutas em prol dos direitos cívicos (o fim da segregação racial, no caso estadunidense, ou o acelerar dos processos de descolonização, no caso europeu), pelas preocupações ecossistémicas ou pelas reivindicações das minorias sexuais. Nesses vários pólos de contestação seria crucial o papel dos vários movimentos feministas e de libertação das mulheres, com a criação, a partir dos anos setenta, de disciplinas como Estudos Feministas, Estudos sobre as Mulheres ou Estudos de Género, e a inclusão, portanto, na academia de perspectivas críticas que ora relevassem vozes, até então silenciadas, que retiravam a mulher do lugar de subalternidade que lhe havia sido atribuído, ora denunciassem as múltiplas instâncias de discriminação sobre as mulheres e de violência ligada à diferença sexual. As abordagens críticas daqui emergentes teriam como focos principais o direito às diferenças, as políticas do corpo, a impossibilidade de pensar o pessoal sem pensar o político, ou a indissociabilidade entre políticas promotoras da dignidade da mulher e da dignidade humana, por um lado, e políticas de sustentabilidade planetária, por outro.

Novas perspectivas teóricas a partir dos Estudos Feministas surgiriam nos anos 1990, desde a de Donna Haraway e a noção de identidade “forjada”, porque não fixa nem estável, passando pela de Rosi Braidotti e o seu debate sobre a questão da diferença sexual, por ela valorizada como projecto político nómada, até à de Judith Butler, um dos nomes incontornáveis para a teoria *queer*, e a sua noção de identidade como acção cultural performativa. Emergindo dos Estudos Feministas, a teoria *queer* parece capaz de oferecer novas possibilidades de leitura do mundo e do fenómeno literário. Se uma perspectiva femi-

nista interroga a “naturalidade” de uma diferença sexual articulada com as desigualdades entre os sexos, oferecendo como alternativa a essa pretensa naturalidade a noção de diferença sexual construída socialmente, a teoria *queer* tem a vantagem de colocar interrogações sobre identidades e papéis (incluindo os sexuais), já que indica justamente a dificuldade ou impossibilidade de os seres humanos caberem em categorias estanques. Funcionando, no seu sentido mais amplo, menos como uma identidade do que como uma crítica à identidade, a teoria *queer* permite um potencial conceptual único para definir um lugar, necessariamente instável, mas simultaneamente de comprometimento e contestação. Não se trata sequer de trazer para o centro o marginal, como propunha grande parte da crítica feminista; trata-se de desestabilizar centros – e também o que é, já por si, sinónimo de desvio a esses centros: as margens. Por isso a teoria *queer*, nesse seu mais lato sentido, propõe o descentramento das identidades, antes defendendo a fluidez (não só sexual) e o conhecimento como força social.

>>

Ler *Novas Cartas Portuguesas* quarenta anos depois permite o trânsito entre a obra literária e todas estas problemáticas e perspectivas teóricas. E permite ainda comprovar como no livro se intui o que não era ainda do seu tempo.

Os ensaios aqui presentes não se esgotam, porém, na leitura de *Novas Cartas Portuguesas* a partir de perspectivas informadas pelos Feminismos ou pelos Estudos *Queer*: eles procuram também explorar a sua não menos importante dimensão literária, dando conta quer da sua complexidade estética e inovação formal, quer do seu contributo para a reformulação e revisão da tradição e do cânone literários.

Assim, o ensaio de Hilary Owen, que inaugura este número, propõe-nos precisamente uma reflexão sobre a relevância de *Novas Cartas* como obra fundadora e, simultaneamente, anti-genealógica, no contexto da escrita de mulheres contemporânea, em Portugal. Desenvolvendo uma problemática previamente abordada na introdução ao seu livro, escrito em

co-autoria com Cláudia Pazos Alonso, *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing* (Bucknell UP, 2010), Owen analisa o modo como *Novas Cartas* permitem o contra-mapeamento e a resistência ao conceito de genealogia materna que tem presidido tradicionalmente ao processo de formação da canonicidade no feminino.

É também a partir de dois conceitos cruciais para a teoria e política feministas contemporâneas, nomeadamente as noções de parentesco e de comunidade, que Anna M. Klobucka oferece uma leitura comparatista de *Novas Cartas Portuguesas* e do seu hipertexto, *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, a partir da revisão das fórmulas de relação familiar, amorosa, comunitária, homo- e heterossocial sugerida por ambos os textos. Neste contexto, e recorrendo, tal como Hilary Owen, à figura de Antígona, Anna M. Klobucka explora, em particular, a hipótese da desautorização do contrato social heteronormativo e da inscrição da relacionabilidade lésbica no campo discursivo e ideológico de *Novas Cartas*.

Ainda no âmbito do estudo comparado de *Novas Cartas* e de *Cartas Portuguesas*, Marta Mascarenhas efectua uma releitura destas duas obras à luz da teoria *queer*. Privilegiando a análise de processos de re-significação das normas e de desconstrução de estereótipos ligados ao corpo, ao sujeito e à identidade, Marta Mascarenhas procura sublinhar, sobretudo no caso de *Novas Cartas*, o seu potencial de agenciamento, por um lado, e o seu carácter inovador em termos estéticos e hermenêuticos, por outro.

O contributo de Paulo de Medeiros parte da consideração de *Novas Cartas Portuguesas* como um livro de excesso, revisitando o duplo prefácio de Maria de Lourdes Pintasilgo (originalmente publicado na edição de 1980, da Moraes Editora, e recuperado na edição anotada lançada pela Dom Quixote, em 2010). Neste ensaio, Paulo de Medeiros propõe que o excesso em *Novas Cartas* seja lido como denúncia de uma lei injusta e como resistência aos excessos de um Estado – o Estado Novo,

em particular, e o Estado como instituição, em geral – capaz de transformar o poder soberano em subjugação.

A consideração das dimensões poéticas e políticas de *Novas Cartas* continuarão a ser exploradas nos dois ensaios que se seguem, agora a partir da análise da recepção internacional do livro em dois países europeus: Itália e Espanha. O caso italiano é apresentado por Livia Apa e Roberto Vecchi, que se debruçam sobre as implicações políticas da tradução de *Novas Cartas* para italiano na década de setenta, explorando não só processos de “domesticação” literária e linguística do texto de partida, mas também estratégias de resgate de elementos silenciados no texto de chegada. Igualmente atenta às políticas de tradução, Elena Losada Soler explora os processos de “transferência cultural” em jogo na tradução de *Novas Cartas Portuguesas* para espanhol em 1976, inserindo-a no contexto literário, político e cultural da fase final do “tardofranquismo”. O ensaio inclui ainda, em apêndice, uma entrevista ao tradutor de *Novas Cartas*, Eduardo Butragueño.

>>

Um outro tipo de preocupações teórico-críticas norteia o texto de Ana Margarida Martins, que se debruça sobre as primeiras dramatizações e leituras cénicas de excertos de *Novas Cartas* levadas à cena pelo Women’s Group Theatre, em Londres, na década de setenta, analisando o seu contributo para a transformação do livro num símbolo político de solidariedade feminista. Por sua vez, Ana Gabriela Macedo explora o diálogo intertextual entre *Novas Cartas Portuguesas* e *Dores*, o livro de contos publicado por Maria Velho da Costa em 1994. Nesta análise, Ana Gabriela Macedo procura mostrar como a identidade feminina é frequentemente construída a partir dos estereótipos tradicionais da feminilidade, com o objectivo de os subverter ou parodiar, resistindo, pois, à “prisão da linguagem”.

Com a inclusão dos dois últimos ensaios desta secção dedicada a *Novas Cartas Portuguesas* procurou-se mostrar como a obra é igualmente profícua ao estabelecimento de diálogos intra-literários e intra-geracionais. Assim os ensaios de Maria

Lúcia Dal Farra e de Catherine Dumas debruçam-se sobre a figuração do feminino na obra poética de autoras de língua portuguesa. Maria Lúcia Dal Farra explora o conceito de “sororidade” proposto em *Novas Cartas*, fazendo um balanço de algumas figurações do feminino nas literaturas de língua portuguesa. Catherine Dumas parte de um *corpus* oriundo dos *Cadernos Negros* e da antologia bilingue *Finally...us*, para analisar o laço estabelecido por poetas afro-brasileiras entre negritude e erotismo. Este ensaio inclui, ainda, no seu final, traduções para português, da autoria de Catherine Dumas, de poemas de Miriam Alves, Marisa Tietra, Açucar Mascavo, Jamu Minka e Dimas Siqueira Fernandes.

A secção *Varia* conta com dois textos que, não sendo directamente ligados a *Novas Cartas Portuguesas* ou aos Feminismos, com eles mantêm pontos cruciais de contacto. O primeiro, de Eugénia Vilela, centra-se naquela que tem vindo a ser uma das questões fundamentais da investigação da autora, o silêncio, articulando-o com o conceito de loucura, na sua teorização foucaultiana. O segundo, de Emília Pinto de Almeida, parte de *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector, para reflectir sobre o modo como a escritora brasileira desestabiliza categorias fixas através de processos de despersonalização e de estratégias de desmontagem linguística e discursiva.

Como não é incomum nos *Cadernos de Literatura Comparada*, incluímos ainda estudos resultantes de outras linhas de investigação do Instituto de Literatura Comparada, aqui representada no “Dossier Charles Dickens”, composto por textos resultantes do evento “A Actualidade de Dickens. Jornada Evocativa da obra de Charles Dickens no Bicentenário do Nascimento do Autor”, realizado a 7 Fevereiro de 2012, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O *dossier* contém registo das intervenções de Maria de Lurdes Sampaio e Jorge Bastos da Silva (responsáveis pela organização do dossier e do evento), Isabel Pires de Lima, Luís Novais, Luís de Araújo e Maria de Fátima Marinho, terminando, ainda, com uma entrevista a

Margarida Vale de Gato, tradutora para português de *The Pickwick Papers*, de Dickens.

Como vem sendo também habitual, este volume fecha com recensões a livros, neste caso, de Maria Teresa Horta, Isabel Allegro de Magalhães e Pedro Eiras.

Esperamos que este volume, que agora se dá à estampa, seja, além de gesto académico, gesto de ligação ao mundo e aos outros. E às outras. Para que, como em *Novas Cartas*, possamos dizer que “continuamos sós, mas menos desamparadas”. <<

>>

NOTA GERAL

A adesão ao novo acordo ortográfico é da responsabilidade das autoras e dos autores dos ensaios.